

**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER**

Paulo Neves da Cunha Figueiredo

**AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO: ANÁLISE, CONSIDERAÇÕES E
CONCLUSÕES**

**São Paulo
2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Paulo Neves da Cunha Figueiredo

AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO: ANÁLISE, CONSIDERAÇÕES E
CONCLUSÕES

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de Magister Divinitatis, MDiv, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor João Paulo Thomaz de Aquino.

São Paulo
2022

F475q Figueiredo, Paulo Neves Da Cunha.

As quatro páginas do sermão e a nova homilética : [recurso eletrônico] análise, considerações e conclusão / Paulo Neves da Cunha Figueiredo.

349 KB ;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). João Paulo Thomaz de Aquino. Referências Bibliográficas: f. 27.

1. Pregação. 2. Nova Homilética. 3. As Quatro Páginas Do Sermão. 4. Narrativa. 5. Autoridade. I. Aquino, João Paulo Thomaz de, orientador(a). II. Título.

Paulo Neves da Cunha Figueiredo

AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO: ANÁLISE, CONSIDERAÇÕES E
CONCLUSÕES

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de Magister Divinitatis, MDiv, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor João Paulo Thomaz de Aquino.

Data da aprovação: 10/08/2022

Orientador: Professor João Paulo Thomaz de Aquino

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Paulo Neves da Cunha Figueiredo

Programa: Magister Divinitatis (MDiv) – Estudos Pastorais

Título do Trabalho: As quatro páginas do sermão e a nova homilética: Análise, considerações e conclusão.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades

AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO E A NOVA HOMILÉTICA: ANÁLISE, CONSIDERAÇÕES E CONCLUSÃO

Paulo Neves da Cunha Figueiredo¹

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar o livro *As quatro páginas do sermão: um guia para a pregação bíblica*, identificando fundamentos da nova homilética no modelo proposto pelo autor Paul Scott Wilson. Após a identificação de tais fundamentos, considerar se o proposto no livro está de acordo ou não com os pressupostos da pregação bíblico-reformada e finalizar através de uma crítica que venha acrescentar ao debate acadêmico sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE:

Pregação; Nova homilética; *As quatro páginas do sermão*; Autoridade; Narrativa; Texto; Ouvinte.

1. INTRODUÇÃO

A arte de se pregar o evangelho (homilética, da palavra grega ομιλητικός = a arte da retórica, de falar) tem sido assunto de muitos cursos, congressos e conferências. Livros e artigos das mais diversas linhas têm sido produzidos com o objetivo de capacitar e aperfeiçoar pregadores para que apresentem um melhor sermão e possam assim edificar a igreja de Cristo.

Esse é também o objetivo de Paul Scott Wilson em *As quatro páginas do sermão: um guia para a pregação bíblica*. O livro foi lançado aqui no Brasil pela editora Vida Nova e tem sido objeto de estudos e debates. Paul Scott Wilson é um

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Denoel Nicodemus Eller (STPRDNE); Pastor titular da Igreja Presbiteriana de Icaraí e mestrando no Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Endereço eletrônico: pnevescf@hotmail.com.

teólogo, professor emérito de Homilética do Emmanuel College, University of Toronto, especialista em homilética e autor de artigos e livros na área da homilética. Entre seus livros mais conhecidos livros estão *The practice of preaching* (Abingdon Press; 2007) e *Imagination of the Heart: New Understandings in Preaching* (Abingdon Press; 1988) e *God sense: wayang the Bible for preaching* (Abingdon Press; 2001).

A proposta deste artigo não é analisar toda a obra de Paul Scott Wilson, mas se limitar ao livro *As quatro páginas do sermão: um guia para a pregação bíblica*, levando em consideração um segundo aspecto desse trabalho: uma breve análise da escola de pregação chamada nova homilética e alguns de seus fundamentos presentes em *As quatro páginas do sermão*.

A nova homilética é uma filosofia de pregação. Ela propõe, entre outras coisas, uma nova maneira de se entender e praticar o sermão evangélico. Pretendese comparar os princípios encontrados em *As quatro páginas do sermão*, advindos da nova homilética, com posições contrárias de estudiosos da área e por fim, chegar a uma conclusão satisfatória sobre o tema proposto.

2. A NOVA HOMILÉTICA

O termo nova homilética foi cunhado por David James Randolph em seu livro intitulado *The Renewal of Preaching*², mas ela possui suas raízes na obra hermenêutica de Gerhard Ebeling³ (1912- 2001) e Ernst Fuchs⁴ (1903- 1983). Ambos viveram em uma época em que o método tradicional de se pregar o evangelho estava sendo intensamente questionado.

² GIBSON, Scott M. Critique of the New Homiletic; 2005; Site: Preaching today; Disponível em: <https://www.preachingtoday.com/books/art-and-craft-of-biblical-preaching/style/critique-of-newhomiletic.html>.

³ Filósofo e teólogo luterano alemão, discípulo de Rudolf Bultmann.

⁴ Teólogo alemão do Novo Testamento e aluno de Rudolf Bultmann. Com Gerhard Ebeling, ele foi um dos principais defensores de uma nova teologia hermenêutica no século XX.

O foco do questionamento era a pregação dedutiva e a sua forma autoritativa de proclamação.⁵ As pessoas não mais se dispunham a ouvir uma voz do púlpito declarando aquilo que elas deveriam crer e fazer. Para Ebeling e Fubhs a suposta separação entre a teologia do púlpito, com suas verdades absolutas, e as pessoas nos bancos, como ouvintes passivos, era uma ameaça à pregação. A questão que se propunham a resolver era se a mensagem evangélica poderia falar novamente aos ouvintes e o que os pregadores deveriam fazer para que fossem realmente ouvidos por suas congregações.

A tradição homilética, antes desses questionamentos, havia estabelecido o método expositivo-dedutivo-aplicativo como prática dos sermões. O pregador com autoridade se valia das verdades absolutas do texto bíblico e as estabelecia desde o início da prédica, conduzindo seus ouvintes através da exposição e aplicação daquelas verdades declaradas objetivamente. O que a nova homilética faz é inverter essa ordem através do método indutivo que se centraliza na pessoa do ouvinte, ao invés do pregador. O ouvinte agora participa da pregação não como apenas aquele que recebe a mensagem, mas aquele que a julga e a aplica a si mesmo, transformando-se na autoridade final. Nas palavras de Mauro Batista de Souza⁶:

A enciclopédia de homilética caracteriza a prédica indutiva como aquela que encoraja as pessoas ouvintes a pensarem seus próprios pensamentos, sentirem seus próprios sentimentos, tirarem suas próprias conclusões e tomarem suas próprias decisões de forma tal que elas serão as donas da mensagem.⁷

Assim, os adeptos da nova homilética se davam a questionar a eficácia do tradicional método expositivo-dedutivo-aplicativo de prédica, centralizado na pessoa

⁵ Para um contexto mais amplo, ver o excelente texto de David L. Allen, "A Tale of Two Roads: The New Homiletic and Biblical Authority". Disponível em: <https://theologicalstudies.org.uk/article_homiletics_allen.html>

⁶ O autor possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia (1997), Mestrado em Homilética pelo Graduate Theological Union of Berkeley, CA, EUA (2001) e Doutorado em Teologia (Ph.D) e também pelo Graduate Theological Union (2004).

⁷ SOUZA, Mauro Batista de. A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã; 2007, p. 16. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4701_2007/et2007-1a_msouza.pdf>

de quem prega, e a tentar responder às acusações de que o púlpito cristão havia se tornado extremamente irrelevante fazendo dos ouvintes meros telespectadores e não participantes de fato do sermão.⁸ Paulo Anglada capta bem esse espírito quando sobre o declínio da pregação na pós-modernidade diz:

Outra razão para esse declínio é a aversão do homem pós-moderno a verdades objetivas. Na sociedade pós-moderna não há mais lugar para verdades concretas ou absolutas. Cada pessoa tem a sua verdade. No seu livro “O Sermão sob Ataque”, Klass Runia, um teólogo reformado holandês, observa que o presente antagonismo para com a pregação é fruto da liberação intelectual ocidental. O homem moderno, diz ele, “não quer que lhe digam o que é verdadeiro ou certo; ele quer descobri-lo por si mesmo e quer determinar por si mesmo o que deve fazer... Ele quer participar da discussão, mas o sermão não dá oportunidade para discussão.” Essa filosofia relativista tem levado muitos pregadores a sentirem-se desconfortáveis com a ideia de fazer declarações públicas autoritativas.⁹

Portanto, a nova homilética é nova à medida que questiona o modelo tradicional de pregação-dedutiva, que se concentrava na autoridade do texto/pregador fazendo do ouvinte a autoridade final no processo da pregação¹⁰. O ouvinte passa a ter papel de destaque na pregação, como bem pontua Clint Heacock: “Este modelo procurou, portanto, transformar ouvintes de receptores passivos em participantes ativos e, no processo, elevou os papéis dos ouvintes no evento de pregação.”¹¹

Três princípios que se destacam no modelo de pregação proposto pela nova homilética: o ouvinte como autoridade final da prédica; a primazia da narrativa sobre os outros gêneros literários bíblicos; e o sermão como evento/experiência.

2.1. O ouvinte como autoridade final do sermão

⁸ WILSON, Paul Scott. As quatro páginas do sermão: um guia para a pregação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2020, p.27.

⁹ ANGLADA, Paulo. Introdução à pregação reformada. Ananindeua-PA: Knox Publicações, 2005, p.9.

¹⁰ BENDER, Kerry L. What Is The New Homiletic? 2005. p. 36. Fonte: The Journal of the Evangelical Homiletics Society. Site: web.s.ebscohost.com.

¹¹ HEACOCK, Clint. A Critical Analysis of Fred B. Craddock's New Homiletic. Disponível em: <https://www.academia.edu/6449917/A_Critical_Analysis_of_Fred_B_Craddocks_New_Homiletic>(minha tradução).

Como visto, na nova homilética a autoridade não mais pertence exclusivamente ao texto/pregador, mas também e de forma final ao ouvinte. É, portanto, não só uma questão de se reconhecer a importância de quem ouve o sermão, mas de dar-lhe autoridade tendo sido esta fragmentada do púlpito. Como categoricamente afirmou Scott M. Gibson em seu artigo intitulado *Critique of the New Homiletic*: “O centro de autoridade não está no texto, mas no ouvinte ou ouvintes no contexto da comunidade”.¹² Fred Brenning Craddock (1928-2015), um dos maiores proponentes da nova homilética, em seu mais famoso livro “One Without Authority”, diz que “engajar as pessoas ouvintes na perseguição de um assunto ou ideia de tal forma que elas pensem seus próprios pensamentos e experimentem seus próprios sentimentos, na presença de Cristo e sob a luz do Evangelho.”¹³

Headcock argumenta com precisão dizendo que os ouvintes dos sermões monológicos eram passivos e cabia a eles apenas o aceitar ou rejeitar as conclusões já prontas advindas do pregador. Assim, as necessidades e circunstâncias do ouvinte quando não eram levadas em conta, tinham peso insignificante na prédica. Isso dava ao sermão um tom de autoritarismo, uma prédica pregada de “cima para baixo”, sem considerar o ouvinte e sua participação ativa no processo da pregação.¹⁴

Nesse contexto, a nova homilética propõe o deslocamento da autoridade do texto/pregador para o ouvinte, como pondera Souza em seu artigo sobre a nova homilética:

essa guinada radical fez com que a disciplina de Homilética expandisse os modelos dedutivo-discursivo-explanatórios de prédica, centralizados basicamente na pessoa que faz a pregação, em direção a teorias e modelos indutivo-narrativos, orientados a partir de e para quem ouve a pregação.¹⁴

¹² GIBSON, 2005, Online. (minha tradução).

¹³ CRADDOCK, Fred B. *As One Without Authority*. St. Louis: Chalice Press, 2001. p. 124.

¹⁴ HEACOCK, Clint. *A Critical Analysis of Fred B. Craddock's New Homiletic*. Disponível em: <https://www.academia.edu/6449917/A_Critical_Analysis_of_Fred_B_Craddocks_New_Homiletic> ¹⁴ SOUZA, 2007, p.6.

A mudança de paradigma é tão radical que, segundo Headcock, Craddock chega a afirmar que a Palavra de Deus não está localizada nas páginas da Bíblia, nem nos lábios do pregador, mas nos ouvidos de quem ouve.¹⁵

A nova homilética parte de um princípio de que o ouvinte/comunidade tem direitos e autoridade para tirarem suas próprias conclusões e aplicarem o que foi ouvido segundo o seu juízo. Eder Beling acerta quando diz que “o novo neste modelo de pregação era pôr em prática e articular a pregação e a prédica de tal modo que aquela pessoa que ouve a pregação pudesse se empoderar e articular suas próprias conclusões.”¹⁶

2.2. A primazia da narrativa sobre os outros gêneros literários bíblicos

Outra ênfase da nova homilética é pregar em forma de narrativa. As prédicas narrativas (gêneros literários como drama, novela, estórias) são essenciais para o desenvolvimento do sermão dentro do modelo que propõe a nova homilética. Ao invés de discursos proposicionais, as narrativas não-proposicionais seriam o meio pelo qual se alcançaria a experiência sermônica e o experimentar da palavra de Deus. Segundo a nova homilética, o sermão narrativo é aquele que fala eficazmente ao ouvinte, pois, os indivíduos são inclinados a dar ouvidos a esse tipo de prédica porque as suas vidas são experimentadas através de suas próprias histórias.¹⁷

¹⁵ CRADDOCK, Fred B. The Sermon and the Uses of Scripture. *Theology Today*, Apr. 1985, n. 42, p. 14.

¹⁶ BELING, Eder. A homilética: um panorama sobre a pesquisa a partir da Nova Homilética e seus desdobramentos nos Estados Unidos da América e na Europa; *Revista Reflexus*, 2019, p. 624. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/1097/2163>

¹⁷ “Theologians began to take note of the fact that much of the Bible is presented in narrative form. Perhaps narrative dominates Scripture because it is the fundamental mode of human existence. God's great plan for humanity is unfolded in a story, in fact, in the story-the story of God's redemption through Jesus Christ. Hans Frei's momentous work *The Eclipse of Biblical Narrative* became a major catalyst for those engaged in Biblical studies to re-examine the narratives of Scripture from a literary perspective while bracketing out the question of historicity. The goal became to see the narrative texts as “realistic narrative” and to enter into the world of the texts by conforming one's own world to that of the text.” ALLEN, David L. *A Tale of Two Roads: Homiletics and Biblical Authority*. Site: theologicalstudies.org.uk. 2000. Disponível em: https://theologicalstudies.org.uk/article_homiletics_allen.html

Diferentemente do método dedutivo/proposicional, no qual o objetivo desejado pelo pregador, ou seja, a verdade a ser compartilhada é anunciado logo de início, o modelo narrativo/indutivo se vale de um “atraso estratégico”¹⁸ que cria um suspense acerca da conclusão, fazendo com que o ouvinte participe da construção e, juntamente com o pregador, descubra o desfecho evangélico, ou a boa-notícia. Portanto, o método indutivo/narrativo, segundo dos seus defensores atenderia melhor às demandas dos ouvintes do que a pregação dedutiva/proposicional.

Embora considerar o método narrativo uma boa opção para expor sermões, principalmente aqueles que são baseados em textos que estão nessa forma literária, todavia, há o perigo de se superestimar a narrativa como o único método eficiente de se comunicar a palavra de Deus, como bem argumenta Scott M. Gibson em sua crítica à nova homilética:

Muito tem sido feito na Nova Homilética sobre a natureza narrativa ou histórica do evangelho. A dificuldade aqui é que os defensores tendem a subestimar as passagens não narrativas das Escrituras ‘para estreitar o alcance comunicacional da pregação a um único método’. A forma narrativa pode não ser a melhor forma de pregar um determinado texto.¹⁹

A finalidade da nova homilética em eleger o método indutivo/narrativo como predileto e indispensável é fazer com que o texto bíblico se molde a experiência dos ouvintes, adaptando-o ao contexto do indivíduo e assim forçando um subjetivismo não pretendido pelo autor inspirado. Michel Augusto considera este aspecto dizendo que:

o pregador parte da narrativa da pobreza, do feminismo, do racismo e outros assuntos, para o texto bíblico e extrai lições que satisfazem esses grupos, dentro de um ambiente altamente subjetivista e relativista. Tal atitude macula a intenção autoral do texto bíblico, ferindo frontalmente a autoridade e revelação divinas.²⁰

¹⁸ SOUZA, 2007, p.18.

¹⁹ GIBSON, 2005, Online. (minha tradução).

²⁰ AUGUSTO, Michel. Novas Hermenêuticas e a Nova Homilética; 2020. Disponível: <<https://prnichelaugusto.com.br/subdominios/prnichelaugusto.com.br/?p=1077>>

2.3. O sermão como evento/experiência

Segundo Scott M. Gibson, o sermão-evento é a característica essencial do modelo que propõe a nova homilética²¹. David Allen diz que o movimento da nova homilética nasce pretendendo transformar o sermão em uma experiência:

The birth of the New Homiletic occurred in 1971 when Craddock's *As One Without Authority: Essays on Inductive Preaching* was published. He initiated a move way from the so-called "deductive, propositional" approach to a more inductive concept. The goal is the creation of an "experience" in the listener which effects a hearing of the gospel.²²

O sermão como acontecimento ou evento significa que ele não deve ser um discurso/monólogo; antes, deve ser dinâmico e dialogal, de maneira que os ouvintes, suas necessidades e direitos se encontrem com a mensagem do púlpito e o sermão aconteça. O sermão, assim, estaria mais para uma conversa do que para qualquer outra coisa, como ratifica Allen: "a autoridade não está mais no púlpito ou na Bíblia, 'mas na conversa do evangelho, do pregador e da comunidade ouvinte'"²³.

O pregador não deve chegar expondo verdades absolutas, mas deve junto com a congregação, descobri-las enquanto o texto é proclamado. Para a nova homilética, a palavra de Deus não é uma palavra sobre Deus recolhida em documentos, pronta e estabelecida, mas "se torna" palavra de Deus (neo-ortodoxia barthiana é uma das influências na origem da nova homilética)²³ quando se encontra com as experiências dos ouvintes.

O caráter objetivo da palavra é substituído por um princípio subjetivo. Não é o texto e nem o pregador que estabelece o significado, mas o ouvinte enquanto o experimenta como evento. Nas palavras de Wilson, o sermão evento "reflete a vida

²¹ GIBSON, 2005, Online (minha tradução).

²² ALLEN, 2000, Site: theologicalstudies.org.uk/, Disponível em: https://theologicalstudies.org.uk/article_homiletics_allen.html ²³

Ibid.

²³ Ibid.

como é experimentada pelos ouvintes, em vez de oferecer verdades genéricas originárias da situação bíblica.”²⁴ Scott Gibson, sobre isso, pondera:

enquanto os evangélicos consideram a Bíblia como a revelação de Deus, o Livro inspirado por Deus, os defensores da Nova Homilética enfatizam a palavra pregada como evento/experiência com o ouvinte encontrando Deus na palavra falada. Esse entendimento levanta sérias questões sobre a natureza da inspiração e revelação bíblica.²⁵

Portanto, a nova homilética colocou toda a ênfase não na autoridade e no conteúdo do texto bíblico, mas na leitura subjetiva que o ouvinte faz do mesmo. Clint Heacock argumenta, nesse sentido, que, “para os pregadores que tentam empregar os métodos de Craddock, a maior preocupação se torna mais sobre a criação de uma experiência e menos sobre a transmissão de conteúdo bíblico”²⁶.

3. AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO

O livro descreve um projeto de sermão que é dividido em quatro partes (daí o título “As quatro páginas do sermão”) que se relacionam mutuamente. Para o autor, a maioria dos modelos de sermões até então se concentravam muito no problema do homem por conta de seus pecados, mas pouco na resolução, a graça de Deus.²⁷

Wilson propõe a seguinte estrutura: a página 1 trata do problema presente no texto bíblico (o autor é da tese de que todo o texto tem uma tensão, um problema ou drama a ser resolvido); a página 2 trata do problema presente no mundo atual; a página 3 se dá a expor a graça presente no texto (aquele agir de Deus que resolverá o problema da página 1); e, por fim, a página 4 que tratará da graça de Deus para os problemas do mundo atual. Esses quatro elementos servem, segundo o autor, para avaliar a excelência de um sermão.

²⁴ WILSON, 2020, p.31.

²⁵ GIBSON, 2005, Online (minha tradução).

²⁶ HEACOC, Online.

²⁷ WILSON, 2020, p.44-49

Cada “página” do sermão deve ser trabalhada em um dia da semana específico. Na segunda-feira, trabalha-se a exegese, a unidade do sermão e a introdução. Na terça-feira, a página 1, o problema na Bíblia. Na quarta-feira a página 2, o problema no mundo. Na quinta, a ação de Deus no texto (a graça de Deus na Bíblia) e, por fim, na sexta-feira, a ação de Deus no mundo (a graça manifestada aos ouvintes). As “quatro páginas do sermão” não são literalmente quatro laudas, mas sim quatro “movimentos”: problema no texto, problema nos dias de hoje, graça no texto e graça nos dias contemporâneos.

Wilson estabelece que seu livro não se trata de mais um método de pregar, antes busca estabelecer um conjunto de regras elementares da pregação, que tenha como objetivo a excelência na apresentação do Evangelho, através dos mais diversos tipos de estruturas de sermão. A base do livro apresenta quatro pressupostos fundamentais. O primeiro é que a pregação tem que necessariamente redundar nas boas-novas. O segundo, que a interpretação de um texto bíblico apenas baseado no contexto de hoje (sem levar em conta o contexto do texto) não é suficiente. Terceiro, o centro de todo o sermão deve ser Deus e, por fim, o quarto, é que a graça/capacitação para o homem vem do Senhor.

4. AS QUATRO PÁGINAS DO SERMÃO E A NOVA HOMILÉTICA

Como mencionado anteriormente, Wilson é um dos adeptos da nova homilética. Sua associação com a nova homilética é ratificada pela declaração de seu aluno e professor auxiliar no Emmanuel College, na University of Toronto, Adrien Bausells. Ele, em seu livro *A jornada da pregação*, escreve sobre a influência da nova homilética em seu ministério através de seus dois professores: John Rottman, por meio de quem conheceu a nova homilética, e Paul Scott Wilson.²⁸ Bausells acerca da nova homilética de Paul S. Wilson, comenta:

“A nova homilética, que é uma tentativa de comunicar a Palavra de Deus de forma eficaz no contexto do ouvinte pós-moderno, tem como pressuposto a

²⁸ BAUSELLS, Adrien. *A jornada da pregação*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p.27.

desconstrução das formas clássicas dos sermões, geralmente estruturados em pontos e argumentações lógicas, e a sugestão de formatos mais narrativos para o sermão. Em vez de uma tese seguida de argumentações, tem-se um movimento seguindo um enredo bem elaborado. Como sugere Paul Scott Wilson: ‘O pensamento contemporâneo também sugere que o sermão bíblico ou as homilias não sejam estruturados primariamente na base da argumentação lógica e persuasiva. De fato, defende-se um enredo ou uma direção narrativa.’²⁹

Já David Allen argumenta que, ainda que Wilson faça algumas críticas a alguns expoentes da nova homilética, ele tem compromissos sérios com os fundamentos dela:

A *Captive Voice* de Buttrick (1994) atraiu algumas críticas de Paul Scott Wilson em uma resenha do livro no jornal moderadamente liberal *Homiletic*. (...) Mas o próprio Wilson ainda aceita a antiga distinção neo-ortodoxa entre palavras da Bíblia e palavra de Deus. Ele cita afirmativamente o ponto de Buttrick de que a autoridade bíblica nas Escrituras não se baseia em sua veracidade ontológica como sendo a palavra de Deus, mas está subordinada à autoridade de Cristo. Os evangélicos continuam a apontar que tal dicotomia entre a autoridade das Escrituras e a autoridade de Cristo é infundada teológica e historicamente. Wilson resume sua crítica dizendo que a visão de Buttrick para uma homilética do século 21 é “a melhor que temos; seu sonho é bíblico”, e o livro é “pensativo e sábio”.³⁰

Como não poderia deixar de ser, *As quatro páginas do sermão* possui as três ênfases da nova homilética vistas anteriormente. Esses três fundamentos estão no alicerce da estrutura proposta por Wilson e dão forma ao seu todo.

4.1. O ouvinte como autoridade final em “As quatro páginas do sermão”

O princípio de se considerar o ouvinte como possuidor de autoridade é o fio condutor do guia apresentado por Wilson. Em outras palavras, o ouvinte e seu contexto ditam o que será pregado. Isso não quer dizer que o autor não reconheça que a Bíblia tem autoridade (ou melhor, parte dela) no processo de preparação do que

²⁹ Ibid., p.36

³⁰ ALLEN, 2000, (minha tradução).

será pregado, mas, para ele, a Bíblia é uma autoridade e não a autoridade absoluta e final³¹, o que revela haver na pregação um outro tipo de autoridade.

Dois conceitos estabelecidos por Paul S. Wilson são importantes para entender como de fato o ouvinte é aquele que influencia em última instância a forma e o conteúdo do sermão. Esses conceitos são: “problema vertical” e “problema horizontal”. Wilson os descreve da seguinte forma: “O problema vertical ou imperativo julga ou se coloca acima das pessoas, com a Palavra. O problema horizontal é indicativo ou descritivo, e usa a empatia para se colocar ao lado das pessoas, sob a Palavra.”³²

Para o autor, pregações centralizadas no problema vertical podem causar reações negativas, gerar culpa nos ouvintes. Expressões como “arrependa-se”, “você falhou com Deus”, “abandone seu vício”, “honre seus pais”, “você está errado”, “vá à igreja” e etc, podem “espancar os ouvintes”³³. Embora admita que a Bíblia trate dos problemas verticais, o autor adverte que o pregador, ao se valer deles, corre o perigo de se apresentar como juiz do povo, como alguém que está ali para julgar, impondo a sua perspectiva de uma posição de poder.³⁴

Entretanto, esse modo de pensar o sermão não só “empodera” o ouvinte como enfraquece a autoridade do púlpito/pregador. Paul S. Wilson diz que o pregador, ao se valer do “problema vertical” (autoridade/juízo/mandamento), corre o perigo de “parecer estar montado em um cavalo alto, coberto da razão e acima da desordem, mais sábio que o povo, impondo o caminho certo de uma posição de poder”³⁵. O pregador, nessa perspectiva, é mais um entre os ouvintes e não alguém que fala da parte de Deus com autoridade. Segundo esse modelo, deve-se evitar expressões que passem a ideia de autoridade superior, porque, “quando o imperativo assume o

³¹ WILSON, 2020, p.118.

³² Ibid., p.165.

³³ Ibid., p.160.

³⁴ Ibid., p.161.

³⁵ Loc. cit.

controle, a tarefa do pregador fica mais difícil: deveres, obrigações e imposições exigem muito dos ouvintes e, portanto, são potencialmente alienantes e causadores de divisão.”³⁶ Cabe aqui lembrar que não foram poucos os sermões pregados por Jesus e seus apóstolos que causaram divisões, mas parece que para Wilson isso não é tão produtivo.

Outra maneira de perceber a autoridade do ouvinte no modelo de Wilson é quando ele insiste em que todos os quatro movimentos do seu modelo de pregação tenham o que ele chama de “fazer um filme”.³⁷ Como estabelecido no primeiro capítulo de seu livro, a era pós-moderna é a era da imagem, da internet.³⁸ As histórias antigas e o jeito de contá-las é coisa do passado, segundo Wilson. Os sermões precisam se atualizar e o uso de imagens é algo hoje necessário, pois as pessoas não vivem mais sem esses recursos:

no passado, boletins e banners da igreja eram usados às vezes para fornecer imagens para os sermões. O uso de videoclipes e imagens digitais em nossa época é uma variação disso. (...) Pregadores que usam tecnologia audiovisual podem extrair algumas lições do advento da narrativa com a nova homilética.³⁹

É verdade que Wilson aponta alguns cuidados que se deve ter ao se utilizar de imagens em um sermão, como por exemplo, que as palavras do sermão devem ter prioridade sobre o visual, que o sermão não deve competir com a indústria do entretenimento, que não se pode subestimar o poder das palavras para envolver os ouvintes, que o uso de recursos audiovisuais pode tirar a atenção dos ouvintes daquilo que realmente importa, que os pregadores podem por acabar preguiçosos quanto ao preparo sério dos sermões por confiarem demasiadamente nos recursos audiovisuais e etc⁴⁰. As recomendações dadas pelo autor têm como objetivo evitar a má utilização desses recursos que trariam prejuízos à mensagem da Palavra.

³⁶ Ibid., p.164.

³⁷ Ibid., p. 138,179,225 e 279.

³⁸ Ibid., p.37.

³⁹ Ibid., p.160.

⁴⁰ Ibid., p.42-43.

Todavia, a insistência em se valer desses recursos quase que obrigatoriamente, pode transmitir a ideia de que sem eles o sermão não poderá alcançar o objetivo planejado. A pergunta é: os sermões devem obrigatoriamente se moldar a essa demanda dos ouvintes, ou, aqueles que ouvem a pregação devem aprender a fazê-lo mesmo sem recursos audiovisuais (nem todas as congregações têm condições de investir em recursos desse tipo)? Será que a pregação fiel e zelosa da palavra, com o auxílio do Espírito, não teria um impacto poderoso em cada ouvinte mesmo sem as ferramentas audiovisuais (Gálatas 3.1)?

4.2. A primazia da narrativa em As quatro páginas do sermão

Paul Scott Wilson, logo na introdução de seu livro diz acerca do método indutivo/narrativo, estabelece o seguinte:

A narrativa envolve personagens e emoção, traz as pessoas à vida por meio de palavras. (...) As narrativas deram aos sermões elementos emocionais e espirituais vezes ausentes em sermões fundamentados principalmente na lógica.⁴¹

Wilson, como adepto da nova homilética, ressalta o método indutivo/narrativo em contraposição com o método dedutivo/proposicional, como se o primeiro fosse superior e uma melhor forma de se atingir o objetivo. O autor defende que o método indutivo é mais eficiente, pois possibilita a melhor recepção da mensagem e a participação dos ouvintes na prédica. E por quê? Porque os ouvintes podem construir juntos com o pregador a “verdade” do texto, uma vez que ela não é anunciada e estabelecida como se faz no método dedutivo/proposicional. Vejam que, no conceito de Wilson, o método indutivo/narrativo serve aos interesses da nova homilética, favorecendo o ouvinte no “evento” da pregação.

⁴¹ Ibid., p.32.

O método indutivo/narrativo seria a chave para que a comunidade encontre na Bíblia a sua própria narrativa/experiência, como Wilson argumenta ao falar que a pregação afro-americana “é contextual. Leva a sério as situações específicas da comunidade negra, retratando-a como é e descobrindo na Bíblia um mandato para a prática da justiça social.”⁴² Perceba que a narrativa/experiência do grupo é um pressuposto que define o que há de ser encontrado nas páginas das Escrituras, forçando (mesmo que sutilmente, afinal se preocupa com quem ouve) o texto bíblico a se moldar segundo a narrativa carregada para dentro dele, uma espécie de eisegese cultural-social. Uma leitura atenta de *As quatro páginas do sermão* revelará a forte ênfase em questões socioculturais.

Por falar em cultura, parece ser ela aquilo que define o que há de ser pregado nesse modelo. Isso é indicado quando Paul S. Wilson se vale de termos como “pregação eurocêntrica” e “tradição negra”. O próprio Wilson tenta se defender da acusação de William H. Willimon de que seu método dá suporte à acomodação do Evangelho à cultura dominante na qual estão inseridos os ouvintes.⁴³ O problema é que Wilson justifica que não é isso o que propõe, uma vez que o texto bíblico é que responde às necessidades específicas dos ouvintes. Todavia, o que deveria vir antes? A exposição do Evangelho, para que as perguntas sejam formuladas e as necessidades sentidas, ou as perguntas e necessidades expressas antes, para que o texto as responda e satisfaça? Parece ser a primeira opção a mais utilizada pelos pregadores bíblicos (Lucas 3.10; Atos dos Apóstolos 2.37).

4.3. O sermão como evento/experiência em *As quatro páginas do sermão*

O conceito de sermão para Wilson é de que ele é um “evento”⁴⁴. Ao tratar do preparar e pregar um sermão ele diz: “É importante envolver as pessoas e comunicar

⁴² WILSON, 2020, p.35.

⁴³ Ibid., p.110.

⁴⁴ Ibid., p.123.

uma experiência.”⁴⁵ A própria elaboração do método é uma tentativa, segundo ele, de gerar uma “experiência do evangelho”⁴⁶. Wilson faz coro com David Randolph, citando-o acerca da precisão da nova homilética no que diz respeito ao sermão evento/experiência:

Pregação deve ser entendida como “evento” em contraste com a “pregação mecânica”, que vê o sermão como um construto de partes.” Em outras palavras, algo acontece na pregação, o sermão cresce, o entendimento aprofunda-se, pessoas são transformadas; sermões não são primariamente transmissores de informações. O sermão produz um efeito: “o que aconteceu nesse sermão?”⁴⁷

Wilson diz que o pregador não deve estabelecer verdades acerca da ação de Deus no mundo de forma que traga a ideia de que tudo é muito trivial ou mecânico.⁴⁸ Antes disso, o pregador deve contar a história, ou promover a narrativa, de tal maneira que o ouvinte, por meio da fé (essa, bem subjetiva), e a comunidade como um todo, experimentem a ação de Deus naquele momento, de forma pessoal e específica.⁴⁹

O sermão é “dialogal”, levando à conclusão em que o ouvinte chegará após o diálogo com o texto/pregador. Para Paul S. Wilson, o sermão é mais como uma conversa partilhada do que uma proclamação de autoridade,⁵⁰ afirmando que “podemos alterar a máxima ‘Não fale, mostre’ para ‘Não relate, crie’, produzindo assim experiências, e não apenas resumos dos fatos relevantes.”⁵¹ Mais revelador ainda é quando argumenta dizendo que “as experiências que os leitores trazem para um texto influem nos sentidos que descobrem lá e o Espírito Santo comunica.”⁵²

⁴⁵ Ibid., p.118.

⁴⁶ Loc.cit.

⁴⁷ WILSON, 2020, p.29.

⁴⁸ Ibid., p.261.

⁴⁹ Loc. cit.

⁵⁰ Ibid., p.30.

⁵¹ Ibid., p.147.

⁵² Ibid., p.157.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de Paul Scott Wilson, no início de seu livro, é “uma correção teológica da nova homilética.”⁵³ Teria, então, Wilson alcançado aquilo que propôs como objetivo? Sim, de certa forma. Ele o faz especificamente quando trata da ação de Deus e de sua graça no sermão evangélico.

Wilson reconhece que a nova homilética começou com um foco teológico e se perdeu no caminho.⁵⁴ Para ele, a nova homilética deixou de apresentar um foco em Deus e sua função na pregação do Evangelho (talvez ele em algum grau reconheça a subjetividade prejudicial da nova homilética). Nas Palavras de Wilson:

à medida que a nova homilética se desenvolveu, não houve consenso, ou sequer um debate significativo, sobre o papel de Deus no sermão ou a função do evangelho. (...) Livros-texto importantes, oriundos de todo o espectro teológico, foram escritos, mas quase não se concentram em Deus ou no papel do evangelho nos sermões.⁵⁵

Não há dúvidas do empenho de Wilson em tentar dar um pouco mais de ênfase ao texto bíblico compreendendo bem a dinâmica problema/grança, focando-se principalmente na graça. Para ele, quando sermões não abordam a graça se tornam mensagens sobre pessoas e seus problemas e não sobre Deus. E ainda que um sermão fale de Deus, se, em detrimento da graça, apresentar apenas o juízo faltará com o seu propósito.

Não há como negar que o sermão que não dá ênfase à ação divina em prol do homem pode cair em moralismo, pois se fundamenta em tudo o que o homem deve fazer, não proclamando aquilo que Deus faz pelo pecador. Nas palavras de Wilson, “a responsabilidade de fazer tudo o que era necessário concentra-se nos seres humanos.

⁵³ Ibid., p.45.

⁵⁴ WILSON, 2020, p.45.

⁵⁵ Loc. cit.

(...) Passei a entender que, se um sermão não é sobre Deus (...) esse sermão é principalmente sobre pessoas.”⁵⁶

Albert Mohler Jr. concorda quando diz que:

Infelizmente, esse falso evangelho é particularmente atraente para aqueles que acreditam ser evangélicos motivados por um impulso bíblico. Muitos crentes e suas igrejas sucumbem à lógica do moralismo e reduzem o evangelho a uma mensagem de melhora moral. Em outras palavras, comunicamos às pessoas perdidas a mensagem de que o que Deus deseja para elas e o que Ele exige delas é que elas acertem suas vidas.⁵⁷

As páginas do sermão dedicadas à graça (páginas 3 e 4 do modelo proposto por Wilson) lembram ao pregador que Deus é a resposta para os problemas do homem, quer sejam esses apresentados nas páginas da Bíblia, quer sejam esses contemporâneos. Segundo Wilson, os problemas colocam um fardo sobre a humanidade, fardo esse que as pessoas são incapazes de suportar por si mesmas.⁵⁸ Assim, a graça em ação (aquilo que Deus faz) é a resposta para a solução dos problemas da humanidade. O autor acerta em fazer estas importantes correções sobre o papel de Deus e do Evangelho no modelo subjetivista proposto pela nova homilética.

Além dessa correção teológica apresentada acima, há outros aspectos positivos no guia proposto por Wilson. Um deles é a necessidade de se considerar os ouvintes na hora de preparar e pregar o sermão. É verdade que no modelo homilético apresentado, há uma preocupação demasiada com o indivíduo (falaremos disso mais adiante). Entretanto, isso não anula o fato de que o pregador deve levar em conta aqueles que ouvem o seus sermões e o contexto no qual estão inseridos. A respeito disso, Wilson diz que o pregador deve reconhecer que “a necessidade sentida é um

⁵⁶ Loc. cit.

⁵⁷ MOLHER JR, Albert. Site: Voltemos ao Evangelho. 2020. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2020/11/o-moralismo-nao-e-o-evangelho-mas-muitos-cristaosacham-que-e/>.

⁵⁸ WILSON, 2020, p.49.

anseio das pessoas, uma necessidade pastoral discernida, uma ausência sentida, algo que poderiam mencionar se fossem totalmente honestos.”⁵⁹

A Palavra de Deus fala às pessoas para que suas verdadeiras necessidades sejam satisfeitas em Cristo. Afinal, Deus ordena que Seu povo seja consolado e fortalecido por Sua palavra (Isaías 40.1). O sermão, portanto, não deve ser um discurso que não leve em conta os anseios, medos, dúvidas e questionamentos dos seus ouvintes, mas procurar respondê-los à luz da pregação da Palavra de Deus.

Wilson também promove a unidade do sermão através do conceito de “frasetema”.⁶⁰ Ele ressalta a importância que tem a frase-tema em um sermão. Ela deve, de forma sucinta, resumir toda a ideia a ser apresentada pelo pregador em um sermão. Sua indicação para descobrir a frase-tema é perguntar o que Deus está fazendo no texto ou por detrás dele.⁶¹ Sobre isso, Wilson faz uma advertência importante dizendo que “quando outros sujeitos que não o próprio Deus se apropriam da frase-tema, eles sabotam todo o sermão e sua capacidade de ser o evangelho”.⁶² Isso colabora para o correto princípio hermenêutico de que todo o texto tem uma ideia principal.

5.1. Problemas em As quatro páginas do sermão

5.1.1. Antropocentrismo

Embora haja aspectos positivos a se considerar na proposta de como preparar e pregar um sermão em *As quatro páginas do sermão*, há algumas ressalvas importantes ao método proposto por Paul S. Wilson.

⁵⁹ Ibid., p.83.

⁶⁰ WILSON, 2020, p.71-80.

⁶¹ Ibid., p.74.

⁶² Ibid., p.75.

A primeira delas é com relação ao antropocentrismo no qual se baseia o modelo. Como demonstrado, o ouvinte/comunidade é o centro. A palavra de Deus não é suficiente nem absoluta na pregação, antes, ela precisa ser interpretada à luz do contexto do ouvinte, para que esse dê significado a ela e a torne relevante. Wilson parece insistir que todo o processo, desde o preparo até a pregação do sermão, deve atender demandas do ouvinte e que nada deve causar ruído que venha porventura prejudicar a sua experiência diante da prédica.

O esforço de se colocar o ouvinte acima da mensagem proveniente das Escrituras fica claro quando Wilson não recomenda a abordagem daquilo que chama de “problema vertical”.⁶³ O problema vertical diz respeito ao juízo de Deus sobre os pecadores culpados. Essa abordagem deve ser evitada porque pode causar reações negativas nos ouvintes, gerar culpa (mas não deveria, em um primeiro momento?) e sentimentos negativos. Paul S. Wilson também recomenda que não se use imperativos na pregação, a fim de que o ouvinte não se sinta debaixo da uma obrigação, como ele mesmo diz:

No caso dos problemas verticais, conforme em geral são pregados, utilizase o modo imperativo; o pecado tende a ser um pecado pessoal ou individual diante de Deus; uma sentença de juízo é proferida do alto; quem recebe essa sentença sente culpa (ou raiva e ressentimento);⁶⁴

O antropocentrismo guia o modelo. O centro é o ouvinte. Não é conveniente pressioná-lo, incomodá-lo ou confrontá-lo se valendo de mensagens geradoras de culpa ou negativas. Pregações que se valem de mensagens como “arrependa-se”, “abandone seu vício”, “honre seus pais”, “você está errado”, são desencorajadas por Wilson.⁶⁵ Afinal, o próprio autor admite que se incomodava com o clima autoritário de sua época de formação teológica, e estava mais inclinado a abordar textos de uma forma que seriam muito mais fáceis de serem ouvidos e recebidos.⁶⁶

⁶³ WILSON, 2020, p.160.

⁶⁴ WILSON, 2020, p.160-161.

⁶⁵ WILSON, 2020, p.160.

⁶⁶ Ibid., p.124.

Wilson afirma que, ao invés de se valerem do problema vertical, os pregadores por excelência os transformam em horizontais. Nessa abordagem horizontal, o problema não é mais do indivíduo, mas da comunidade.⁶⁷ É um problema social. Assim, a carga é aliviada e o indivíduo não se sente o único responsável por pecar contra Deus (aliás, poucas vezes a palavra pecado é usada no livro).

É verdade que a Bíblia trata dos pecados da comunidade, mas também fala dos pecados dos indivíduos (afinal, cada um dará conta de si mesmo – Rm 14.12), advertindo e ameaçando com a morte eterna aqueles que resistem a crer (João 8.24). A nova homilética faz com que o sermão seja centrado no homem e não em Deus e Sua palavra, que deve ser transmitida integralmente, como argumenta Johannes Geerhardus Vos ao responder quais as tentações relativas à pregação de todo o conselho de Deus os ministros têm de enfrentar:

A tentação de pouco dizer ou calar-se totalmente sobre as verdades da Bíblia que são normalmente tidas como “impopulares”, enquanto enfatiza e muito fala das verdades consideradas comumente como “populares”. Os ministros não têm o mínimo direito de “abafar” parte da mensagem de Deus porque ela pode ser desagradável aos seus ouvintes. Como servos de Deus eles têm de pregar toda a verdade sem ajustá-la às predisposições humanas.⁶⁸

Portanto, *As quatro páginas do sermão* flerta com princípios antropocêntricos, uma vez que coloca o bem-estar dos indivíduos como o alvo final da prédica, evitando assim, mesmo que parcialmente, qualquer outro modelo de pregação e abordagem que possa prejudicar tal objetivo de ser alcançado. Todavia, ainda que se deseje o bem-estar espiritual da congregação, o sermão deve acima de tudo buscar a glória de Deus⁶⁹ que se revela em sua bondade e severidade (Rm 11.22).

⁶⁷ Ibid., p.162.

⁶⁸ GEERHARDUS VOS, 2020, p. 515.

⁶⁹ Ibid., p. 516.

5.1.2. O subjetivismo

Outro problema encontrado é o subjetivismo. A Nova homilética é marcada por subjetivismo, como destaca Scott M. Gibson:

Whereas evangelicals regard the Bible as the revelation from God, the God-inspired Book, advocates of the New Homiletic emphasize the preached word as event/experience with the listener encountering God in the spoken word. This understanding raises serious questions about the nature of inspiration and biblical revelation.⁷⁰

Paul S. Wilson declara em seu livro que o texto bíblico pode ser interpretado à luz do contexto cultural e que o significado de cada passagem pode mudar de tempo em tempo, revelando assim um princípio subjetivista:

A Bíblia é um cânon fixo. Seus significados, no entanto, mudam um pouco aos ventos do tempo, pois o mundo está sempre mudando em torno daqueles que a leem. O mundo à frente do texto influencia seu significado. As experiências que os leitores trazem para o texto influem nos sentidos que descobrem lá e que o Espírito Santo comunica.⁷¹

Perceba que, segundo o próprio autor, os significados mudam. O perigo aqui é o de ir à Bíblia com desconfiança, uma vez que se admite a possibilidade de interpretações diferentes. Não há verdade objetiva, mas, segundo a cultura da época e as necessidades das pessoas, o texto pode variar o seu significado. John MacArthur é pontual quando adverte dizendo que “A igreja desenvolveu uma teologia antropocêntrica, baseada nas necessidades do homem. Como resultado, o conforto pessoal tornou-se o alvo supremo.”⁷² Digno de nota é que para MacArthur o subjetivismo é um “filhote” do antropocentrismo.

⁷⁰ GIBSON, 2005, Online.

⁷¹ WILSON, 2020, p.156.

⁷² MACARTHUR, John. O pastor como pregador: Pregando a palavra de Deus com Paixão e Poder. Eusébio-CE: Peregrinos, 2015, p.14.

Outro fator subjetivista no que propõe Wilson é percebido no tratamento do problema/pecado. Ele argumenta que “meramente descrever ou espelhar o sofrimento e a tragédia humana já designa o pecado e a corrupção”.⁷³ Todavia, não parece assim que o Senhor Jesus agiu. O Senhor confrontou homens e mulheres com seus pecados pessoais e específicos (Mt 23.1–36; Jo 3.7; 4.16; João 20.27), não apenas descreveu o que havia de mau no mundo. Os apóstolos fizeram o mesmo em seus sermões (Ato 3.14–15; Ato 7.51–53; Ato 28.25–27). Eles não deixaram de pregar todo o desígnio de Deus, até mesmo porque biblicamente a palavra de juízo do Senhor é essencial para promover a salvação (Jonas 3.4,5).

A subjetividade do guia de pregação de Wilson é a mesma que propõe a nova homilética quando estabelece o sermão como evento/experiência. O texto bíblico sai da boca do pregador em uma forma e se encontra com as expectativas do ouvinte que reformula as palavras que foram ditas pelo ministro, aplicando o que fora dito de uma maneira única e singular de acordo seus pressupostos e necessidades. Esse princípio da nova homilética não pode ser esquecido: a palavra de Deus não é objetiva e proposicional, mas é transformada à medida que se “encontra” com o ouvinte, seu contexto e pressupostos. Daí a indisposição da nova homilética para com proposições absolutas advindas do texto bíblico. Eis o perigo!

Outro fator a se levar em conta é a pouca atenção que é dada à pessoa do Espírito Santo nas páginas de “As quatro páginas do sermão”. Não é que Ele não esteja lá, mas não como deveria. Afinal, em um livro que trata da pregação da Palavra de Deus e da eficácia dela nos ouvintes, não se reservar um bom número de páginas para a doutrina da inspiração da Bíblia e da obra do Espírito em convencer os homens acerca do evangelho é no mínimo de se estranhar. A advertência de Augustus Nicodemus é importante ao dizer que:

A atuação iluminadora do Espírito de Deus na interpretação das Escrituras é uma ação frequentemente ignorada por estudiosos comprometidos com o método histórico-crítico e seus pressupostos. Como resultado, o método histórico-crítico produziu pouca coisa que pudesse ser pregada, esvaziou

⁷³ WILSON, 2020, p.162.

púlpitos e igrejas, e, como vocês sabem, o liberalismo teológico “secou” igrejas protestantes na Europa.⁷⁴

Wilson parece pretender fazer acontecer a experiência através de técnicas propostas para a prédica. Ele diz que em determinado momento da prédica deve-se esperar comoção da parte dos ouvintes. Ao trabalhar o conteúdo da “página 2” do seu modelo de sermão, ele diz o seguinte: “Ao final da página 2, a congregação deve estar no ponto de dor e quebrantamento mais profundo do sermão.”⁷⁶ Percebe-se que até mesmo a emoção do ouvinte é algo que pode e deve ser planejado, o que soa estranho à doutrina bíblica que diz que o Espírito Santo é livre para atuar da forma que desejar, em quem desejar e quando desejar (João 3.8; 1Coríntios 12.11). Scott M. Gibson é preciso em reconhecer essa inclinação da nova homilética em não dar ênfase ao Espírito Santo como deveria. Ele diz que:

Pouco é mencionado na literatura da Nova Homilética sobre o Espírito Santo na pregação. A responsabilidade parece recair sobre o pregador para reproduzir o texto ou mesmo “regenerar o impacto” de um texto bíblico para que ele realmente se torne a Palavra de Deus mais uma vez na nova situação.⁷⁵

CONCLUSÃO

Ainda que *As quatro páginas do sermão* tenha boas dicas para serem consideradas na busca de um melhor preparo e uma melhor apresentação da prédica diante da igreja, todavia, o modelo está fundamentado em princípios que se opõem à pregação proposicional da palavra de Deus, subtraindo a autoridade de texto e minando assim a do ministro que fala da parte de Deus, abrindo uma brecha para antropocentrismo e subjetivismo na pregação.

⁷⁴ NICODEMUS, Augustus. A importância da Hermenêutica Bíblica. Site: teologiabrasileira.com.br. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/a-importancia-da-hermeneutica-biblica-parte-2/> ⁷⁶ WILSON, 2020, p.178.

⁷⁵ GIBSON, 2005, Online (minha tradução).

O espírito da nova homilética, que se mostra contra a autoridade objetiva e proposicional na prática da pregação, é reconhecido em Paul Scott Wilson. Em seu artigo intitulado “Case for proclamation”, Paul Scott Wilson deixa claro a sua aversão a esse tipo de autoridade, dizendo que “a última coisa que a igreja precisa em nosso tempo é de pessoas que afirmam falarem por Deus.”⁷⁶ Há de se convir que essa afirmação é no mínimo estranha ao espírito dos profetas bíblicos e à tradição bíblicareformada.

Para Mohler Jr. a autoridade do ministro/pregador é uma das mais importantes características da pregação reformada. Segundo ele:

alguns especialistas em homilética sugerem que os pregadores deveriam simplesmente abraçar essa nova cosmovisão e desistir de afirmar terem uma mensagem autoritativa. Aqueles que perderam a confiança na autoridade da Bíblia como a palavra de Deus têm pouco a dizer e nenhuma autoridade em sua mensagem.⁷⁷

Molher se opõe ao modelo de hermenêutica que propõe a nova homilética, dizendo que, se o ministro não possui nenhuma mensagem autoritativa, então não há o porquê pregar. E continua afirmando que “a própria ideia de que a pregação pode ser transformada em um diálogo entre o púlpito e os bancos indica a confusão de nossa era.”⁷⁸

É de se questionar se os pregadores devem abandonar pressupostos caros à tradição reformada e os julgar como não mais relevantes ou no mínimo insuficientes, como propõe a homilética de Wilson. Será que o sermão expositivo-dedutivoaplicativo não tem mais nada a oferecer? Será que a palavra profética que é proclamada como Palavra do Senhor (Is 10.24; 43.1; Jr 6.21; Ez 12.10; Am 3.12; Mq 2.3; Nm 1.12; Ag 1.5; Zc 1.16; Mt 1.13) não tem mais lugar na Igreja e no mundo? O homem é quem

⁷⁶ WILSON, Paul Scott. Case for proclamation. Disponível em: Encounter, 78 no 2 2018, p 77-80. (minha tradução)

⁷⁷ MOLHER JR., Albert. Três características da pregação expositiva. Site: Bereianos. Disponível em: <https://bereianos.blogspot.com/2013/09/tres-caracteristicas-da-pregacao.html>

⁷⁸ Ibid.

deve julgar a Palavra de Deus ou, antes, deve ser ele julgado por ela? O que resta é um mar de subjetividade ao gosto do ouvinte? A mensagem do Evangelho se tornou refém de contextos culturais, sendo modificada por eles? É com essas dúvidas que devem subir aos púlpitos os ministros do Evangelho? Creio que não.

A doutrina bíblica-reformada estabelece que o pregador fala da parte de Deus, com a autoridade de Deus, crendo que a Bíblia é a Palavra de Deus. Essa doutrina é ratificada por nossos símbolos de fé.⁷⁹ Homens como Pedro, Paulo, Agostinho, John Huss, Savonarola, Lutero, Calvino, Spurgeon e tantos outros, assim creram, assim pregaram (2Coríntios 4.13). Deus tem chamado e separado ministros que falem em Seu nome com autoridade. Sua Palavra revelada é suficiente para a edificação do Seu povo. Nenhum ministro tem direito de limitá-la ou corrompê-la.⁸⁰

Não é de hoje que a pregação proposicional tem sido questionada e até mesmo rejeitada. Na época do profeta Isaías também o fora. O profeta anunciava a vontade objetiva e soberana de Deus para o Seu povo, mas Judá a rejeitou por achá-la sem relevância. Na verdade, entendiam-na como algo infantil a ser desprezado (Isaías 28.9–10). Com o Senhor Jesus Cristo não fora diferente. Seu discurso era considerado muitas vezes e por muitos duro e motivo de escândalo (Mt 13.57; Jo 6.10) e, por isso, muitos o abandonaram (Jo 6.66). Todavia nosso Senhor não relativizou a mensagem que o Pai lhe havia entregado. Ele permaneceu firme (Jo 6. João 6.61–65, 67).

Portanto, concluímos que há sim conceitos perigosos na proposta de *As quatro páginas do sermão*. O que se deve fazer é ter consciência desses problemas que não permitem que se tome sem salvaguarda o modelo de Wilson como um guia de pregação. Por outro lado, os ministros devem urgentemente confiar na autoridade e suficiência das Escrituras para falar ao homem pecador em todo o tempo, independente de seu contexto (2Timóteo 3.16–17; Mateus 24.35). Como bem concluiu Allen:

⁷⁹ WESTMINSTER, A Confissão de fé. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 18ª edição, 2019. p. 16.

⁸⁰ GEERHARDUS VOS, 2020, p. 514.

O caminho a seguir para a homilética é voltar à bifurcação da estrada e tomar o caminho marcado como “Autoridade da Revelação”. Esta deve ser a estrada para a homilética no novo milênio. É o único caminho que leva à casa do Pai.⁸¹

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the book *The Four Pages of the Sermon: A Guide to Biblical Preaching*, identifying the foundations of the new homiletics in the model proposed by the author Paul Scott Wilson. After identifying such foundations, consider whether or not what is proposed in the book is in accordance with the presuppositions of biblical-reformed preaching and conclude with a critique that will add to the academic debate on the subject.

KEYWORDS

Preaching; New homiletics; *The four pages of the sermon*; Authority; Narrative; Text; Listener.

REFERÊNCIAS

ALLEN, David L. **A Tale of Two Roads: Homiletics and Biblical Authority**. Site: theologicalstudies.org.uk. 2000. Disponível em: <https://theologicalstudies.org.uk/article_homiletics_allen.html>

ANGLADA, Paulo. **Introdução à pregação reformada**. Ananindeua-PA: Knox Publicações, 2005.

AUGUSTO, Michel. **Novas Hermenêuticas e a Nova Homilética**; 2020. Disponível: <<https://prmichelaugusto.com.br/subdominios/prmichelaugusto.com.br/?p=1077>>

BAUSELLS, Adrien. **A jornada da pregação**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

BELING, Eder. **A homilética: um panorama sobre a pesquisa a partir da Nova Homilética e seus desdobramentos nos Estados Unidos da América e na Europa**. Revista Reflexus, 2019, Disponível em:

⁸¹ ALLEN, 2000, (minha tradução).

<<https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/1097/2163>>

BENDER, Kerry L. **What Is The New Homiletic?** 2005. p. 36. Fonte: The Journal of the Evangelical Homiletics Society. Site: web.s.ebscohost.com

CHAPELL, Bryan. **O sermão cristocêntrico: Modelos para a pregação redentiva.** São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

CRADDOCK, Fred B. **As One Without Authority.** St. Louis: Chalice Press, 2001.

CROFT, Brian. **O ministério do pastor: prioridades bíblicas para pastores fiéis.** São José dos Campos-SP: Fiel, 2020.

DEVER, Mark. **Nove marcas de uma igreja saudável.** São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 2007.

GEERHARDUS VOS, Johannes. **Catecismo maior comentado.** São Paulo: Os puritanos (3ª edição), 2020.

GIBSON, Scott M. **Critique of the New Homiletic;** 2005; Site: Preaching today; Disponível em: <<https://www.preachingtoday.com/books/art-and-craft-of-biblicalpreaching/style/critique-of-new-homiletic.html>>

HEACOCK, Clint. **A Critical Analysis of Fred B. Craddock's New Homiletic.** Disponível em: <https://www.academia.edu/6449917/A_Critical_Analysis_of_Fred_B_Craddocks_New_Homiletic>

HINDSON, Ed; EYRICH, Howard. **Nada além das Escrituras.** São Paulo: Nutra Publicações, 2018.

LLOYD JONES, D. Martin. **Pregação e Pregadores.** São José dos Campos-SP: Editora Fiel, 2008.

MACARTHUR, John. **O pastor como pregador: Pregando a palavra de Deus com Paixão e Poder.** Eusébio-CE: Peregrinos, 2015.

MEISTER, Mauro. **Lei e graça.** São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

MICHELÉN, Sugel. **Da parte de Deus e na presença de Deus: Um guia para a pregação expositiva.** São José dos Campos-SP: Fiel, 2018.

MOLHER JR, Albert. **Moralismo não é o evangelho.** Site: Voltemos ao Evangelho. Disponível em: <<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2020/11/o-moralismo-nao-eo-evangelho-mas-muitos-cristaos-acham-que-e/>>

MOLHER JR., Albert. **Três características da pregação expositiva.** Site: Bereianos. Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2013/09/trescaracteristicas-da-pregacao.html>>

MOTYER, J. Alec. **O comentário de Isaías**. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

NICODEMUS, Augustus. **A importância da Hermenêutica Bíblica**. Site: teologiabrasileira.com.br. Disponível em:
<<https://teologiabrasileira.com.br/aimportancia-da-hermeneutica-biblica-parte-2/>>

SOUZA, Mauro Batista de. **A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã**; 2007. Disponível em:
<http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4701_2007/et20071a_msouza.pdf>

SPROUL, RC. **O que é teologia reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

VANHOOZER, Kevin. **Há um significado nesse texto?** São Paulo: Editora Vida, 1998.

WILSON, Paul Scott. **As Quatro páginas do sermão: um guia para pregação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2020.

WESTMINSTER, **Confissão de fé**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017 (17ª edição).